Nina Rodrigues e o "O problema da raça negra na América Portuguesa": Etnografia, arte e inteligência do negro brasileiro[1]

Nina Rodrigues and "The problem of the black race in Portuguese America": Ethnography, art, and the intelligence of the Brazilian negro

Nina Rodrigues y "El problema de la raza negra en la América portuguesa": Etnografía, arte e inteligencia de los negros brasileños

Éder Silveira[2]

Resumo

Silveira, É. Nina Rodrigues e o "O problema da raça negra na América Portuguesa": Etnografia, arte e inteligência do negro brasileiro. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 59-78, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2750

Este artigo analisa a trajetória intelectual do médico legista maranhense Raymundo Nina Rodrigues, buscando demonstrar a unidade de seu pensamento para além da dicotomia entre médico racista e etnógrafo pioneiro. O texto explora como Rodrigues utilizou a neurologia, a antropologia criminal e a etnografia para investigar o que considerava o "problema" da população negra e mestiça no Brasil pós-abolição. Destaca-se o interesse do autor pela cultura material e inteligência africana, evidenciando em sua coleção de objetos de culto e em seus estudos sobre as belas-artes. Silveira argumenta que todas as pesquisas de Rodrigues estavam subordinadas a um projeto de nação, fundamentado nas teorias científicas de sua época. Por fim, a obra reflete sobre as ambivalências de seus escritos, que, embora marcados pelo determinismo racial, abriam caminhos para a compreensão da herança africana na formação brasileira.

Palavras-chave: Nina Rodrigues; Neurologia; Cesare Lombroso; Racismo; Etnografia.

Abstract

Silveira, É. Nina Rodrigues and "The problem of the black race in Portuguese America": Ethnography, art, and the intelligence of the Brazilian negro. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 59-78, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2750

This article analyzes the intellectual trajectory of the Maranhão-born forensic physician Raymundo Nina Rodrigues, seeking to demonstrate the unity of his thought beyond the dichotomy between racist physician and pioneering ethnographer. The text explores how Rodrigues used neurology, criminal anthropology, and ethnography to investigate what he considered the "problem" of the Black and mixed-race population in post-abolition Brazil. The author's interest in African material culture and intelligence is highlighted, evidenced in his collection of cult objects and in his studies on the fine arts. Silveira argues that all of Rodrigues' research was subordinated to a nation-building project, based on the scientific theories of his time. Finally, the article reflects on the ambivalences of his writings, which, although marked by racial determinism, opened paths to understanding the African heritage in Brazilian formation.

Keywords: Nina Rodrigues; Neurology; Cesare Lombroso; Racism; Ethnography.

Resumen

Silveira, É. Nina Rodrigues y "El problema de la raza negra en la América portuguesa": Etnografía, arte e inteligencia de los negros brasileños. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 59-78, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2750

Este artículo analiza la trayectoria intelectual del médico forense Raymundo Nina Rodrigues, oriundo del estado de Maranhão, con el fin de demostrar la unidad de su pensamiento más allá de la dicotomía entre médico racista y etnógrafo pionero. El texto explora cómo Rodrigues empleó la neurología, la antropología criminal y la etnografía para investigar lo que consideraba

[1] O presente artigo é parte da pesquisa desenvolvida durante estágio de pós-doutorado realizado entre 2024 e 2025 junto ao PPG em História das Ciências da Saúde da Fiocruz, com uma bolsa pós-doc sênior do CNPq.

[2] Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: jesuiseder@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6679-6836

el “problema” de la población negra y mestiza en el Brasil posterior a la abolición. Se destaca el interés del autor por la cultura material y la inteligencia africanas, evidenciado en su colección de objetos de culto y en sus estudios sobre bellas artes. Silveira sostiene que toda la investigación de Rodrigues estuvo subordinada a un proyecto de construcción nacional, basado en las teorías científicas de su época. Finalmente, el artículo reflexiona sobre las ambivalencias de sus escritos, que, si bien marcados por el determinismo racial, abrieron caminos para comprender la herencia africana en la formación brasileña.
Palabras clave: Nina Rodrigues; Neurología; Cesare Lombroso; Racismo; Etnografia.

Data de submissão: 17/02/2026
Data de aceite: 13/05/2026

> A pobre criatura não era nenhuma menina nativa comum, mas uma pessoa de grande beleza, eu diria quase majestática, e de considerável refinamento mental. Mas quantidade alguma de beleza ou refinamento poderia ter tornado um enlace entre Good e ela uma ocorrência desejável, pois, como ela mesmo havia dito: “Pode o sol casar com a escuridão, ou o branco com o preto?”(HAGGARD, 2021 [1885], p. 286).

1. Formação da sensibilidade

Raymundo Nina Rodrigues nasceu em 4 de dezembro de 1862, na Vila da Manga, na região de Vargem Grande, cidade maranhense a 150 quilômetros de São Luís e que hoje leva o seu nome. Segundo os estudiosos de sua vida e obra, nasceu em uma família de latifundiários, produtores de algodão, cana-de-açúcar e gado. Ao menos um tio, é sabido, foi médico. Ainda menino, foi para São Luís a fim de estudar, tendo passado pelo Colégio São Paulo e pelo Seminário das Mercês.

Em 1882, concluídos os seus estudos preparatórios, foi para Salvador estudar medicina, onde seguiu até o quarto ano. Em 1885, viajou para o Rio de Janeiro para concluir o curso na capital. Não se adaptou ao ambiente e ao clima e voltou a Salvador em 1886, onde seguiu os seus estudos. Retornou ao Rio de Janeiro em 1887 para defender a sua tese de doutoramento, tornando-se assim bacharel em medicina. Médico formado, voltou à São Luís, onde atuou como clínico até 1889, quando se estabeleceu em Salvador como médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia[3].

Tomados os devidos cuidados com a tentação ao “biografismo” e a exacerbação do contexto na tentativa de encontrar explicações à trajetória de Nina Rodrigues, creio que é interessante determo-nos em alguns desses elementos biográficos. Não é difícil depreender um conjunto de experiências pessoais, aquelas da infância, que se

[3] Para uma cronologia mais completa e detalhada da vida de Nina Rodrigues, ver: CORRÊA, 1998.

desenrolaram em um engenho que contava com o trabalho escravo. Sem qualquer intenção de incorrer na poética do Brasil colônia e das relações entre senhores e escravos à Gilberto Freyre, é inegável que existiu o contato precoce do menino com os africanos escravizados, sua língua, seus costumes e o fascínio que o medo do feitiço e da diferença provocavam.

Na ausência de memórias do próprio Nina Rodrigues, é possível estabelecer algumas analogias com seus companheiros de geração. Joaquim Nabuco, um dos grandes homens de letras ligados ao abolicionismo do último quartel do século XIX, também crescido em um engenho, dizia em *Minha formação* que as "impressões que conservo dessa idade mostram bem em que profundezas os nossos primeiros alicerces são lançados" (NABUCO, 1998 [1900], p. 181). Depois de um excurso sobre seu amor e fascínio pela natureza e seu sentimento de religiosidade, Nabuco evoca imagens que marcaram o seu profundo sentimento abolicionista. Dizia ele que foi na infância que:

> Do mesmo modo que com a religião e a natureza, assim com os grandes fatos morais em redor de mim. Estive envolvido na campanha da Abolição e durante dez anos procurei extrair de tudo, da história, da ciência, da religião, da vida, um filtro que seduzisse a dinastia; vi os escravos em todas as condições imagináveis; mil vezes li a *Cabana do Pai Tomás*, no original da dor vivida e sangrando; no entanto a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infância, em uma primeira impressão, que decidiu, estou certo, do emprego ulterior de minha vida. Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava. (NABUCO, 1998 [1900], p. 182).

Jamais teremos acesso aos sentimentos do jovem Nina Rodrigues com relação aos escravizados com os quais conviveu na sua infância no engenho na Vila da Manga, dada a escassez de documentos pessoais, como cartas e diários. Mas é bastante plausível supor que a convivência com os africanos e afrodescendentes tenha afinado os seus ouvidos e despertado o seu olhar para as condições de vida desta população. Como médico, não poucas referências sugerem o seu precoce interesse pelas "doenças da pobreza", como desnutrição e endemias[4]. Além disso, são abundantes as suas manifestações contrárias à escravidão e favoráveis à abolição.

Do mesmo modo, podemos supor que os tempos vividos em São Luís do

[4] Parte do anedotário sobre Nina Rodrigues dá conta de que ele foi apelidado "Dr. Farinha Seca", em função da publicação de crônicas no jornal *A pacotilha*, contrárias a alimentação popular baseada na farinha d'água. Ver: SAMPAIO; ALBUQUERQUE, 2021.

Maranhão devem ter proporcionado um ambiente intelectualmente bastante estimulante. Jean-Yves Mérian, em uma detalhada biografia do escritor Aluízio de Azevedo, maranhense como Nina Rodrigues e praticamente seu perfeito contemporâneo, oferece uma rica descrição do contexto social, político e cultural do Maranhão daquela época. Esta biografia minuciosa permite entender melhor a formação de Nina Rodrigues. Ele e Azevedo viveram em São Luís os últimos tempos de glória da cidade e o início do seu processo de decadência.

Como Mérian descreve em pormenor, São Luís era uma capital de enorme importância e relevo cultural na metade do século XIX. Segundo ele:

> Eles [comerciantes enriquecidos e profissionais liberais] e os ricos fazendeiros, cujos filhos haviam estudado na Europa, formavam a classe dirigente aparentemente iluminada da convencionalmente chamada "Atenas brasileira". São Luís conhecia então uma renovação cultural importante: Manoel Odorico Mendes, Francisco Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa, Trajano Galvão e sobretudo Antônio Gonçalves Dias, o grande poeta romântico, deram à sua província, na metade do século XIX, um brilho que ela nunca conhecera. Apareceram numerosos jornais políticos e literários, coletâneas de poesia e peças teatrais foram publicadas. (MÉRIAN, 2013 [1988], p. 21-22).

No entanto, segundo Mérian, São Luís foi uma das primeiras capitais da região Nordeste a capitular com a crise do sistema escravista. Ele fala longamente sobre os impactos das transformações na economia brasileira do último quarto do século XIX na economia local. Os latifundiários envolvidos na compra e venda de escravos se viam obrigados a vendê-los no tráfico interprovincial. Ainda para Mérian:

> As consequências nefastas da escravidão para a economia e o progresso do país, as condições precárias de vida da população dos cortiços, a falta de política do Estado para resolver os graves problemas de saúde pública e lutar contra as epidemias mortíferas, a urgência de uma reforma profunda da política de educação para acabar com a ignorância generalizada do povo, a denúncia das diversas formas de opressão contra as mulheres e outros temas graves são tratados por Aluísio Azevedo nos romances-folhetim. Muitas páginas são autênticos documentos sociológicos sobre a vida na capital do Império. Estas páginas "dialogam" com os romances naturalistas, como *Casa de pensão*, *O homem* e *O cortiço*. (MÉRIAN, 2013 [1988], p. 15).

Assim como Mérian, vários dos maiores estudiosos da obra de Azevedo relacionam o conjunto de temas com os quais ele irá se ver ao longo de sua carreira literária com a absorção de teorias científico-literárias correntes no final do século XIX e com as transformações do Brasil da crise do Império e do pós-abolição. Não me parece ser um exagero perceber pontos de contato entre a sua obra e as preocupações científicas e políticas do médico e pesquisador Nina Rodrigues.

Temas como a situação das camadas populares, as epidemias, a loucura e o

problema racial no Brasil são preocupações que atravessam a obra de ambos. Naqueles tempos, o Brasil emergia como um problema para as nossas classes letradas, que já vislumbravam a crise do Império e do sistema escravista. Nas páginas que seguem, examinarei os esforços realizados por Nina Rodrigues para compreender o problema negro brasileiro, lançando mão de uma abordagem que sintetizava de modo original os saberes médicos, especialmente da neurologia, a antropologia criminal de matriz lombrosiana e a então nascente etnografia.

2. Temas centrais da obra de Nina Rodrigues

Da mesma forma que foi possível estabelecer, ainda que de maneira rápida, alguns pontos de contato entre as obras e vidas de Nina Rodrigues, Aluízio de Azevedo e Joaquim Nabuco, seria possível estender essa comparação para uma fração bastante expressiva dos nossos homens de letras da segunda metade do século XIX. Uma parcela expressiva deles nasceu em famílias proprietárias de terras e de escravos e, ainda jovens, seriam detentores de diplomas universitários em áreas de alta consagração social e simbólica, especialmente Direito e Medicina. Os representantes da classe letrada nacional costumavam ocupar cargos na sua área de formação, não raro uma sinecura, além de se dedicarem aos seus interesses pela imprensa, pelas revistas literárias e pela publicação de livros dos mais variados gêneros[5].

Em uma passagem bastante lembrada de seu estudo pioneiro sobre Nina Rodrigues, Mariza Corrêa oferece uma caracterização instigante, dele e dos seus companheiros de geração. Segundo Corrêa:

> Definindo-se como observadores da realidade nacional, e como seus críticos imparciais, os intelectuais brasileiros desse período ao mesmo tempo que definem o restante da população como seus objetos privilegiados de análise, se constituem também como categoria social. E de certa forma se separam da sociedade em que viviam, ao elegerem a raça como primeiro critério de nacionalidade, num processo que alguém já chamou de esquizofrênico. Esquizofrênico ou paradoxal, o resultado da escolha não dependeu inteiramente do que desejassem os intelectuais: vivendo num contexto social que a ciência dominante da época definia como incompatível com a 'civilização' ou condição de cidadãos dessa nação e de membros daquele universo científico, tornava-se difícil escapar à ambigüidade. (CORRÊA, 1998, p. 31-32).

O elemento mais instigante deste processo, caracterizado por Corrêa como esquizofrênico, é a autonegação que está embutida na interpretação das causas raciais do atraso brasileiro. Muitos dos nossos intelectuais eram "mulatos" que diziam ser a

[5] Não foram poucos os estudos sobre essa geração de homens de letras brasileiros. Cito estudos que foram muito importantes para a construção do meu entendimento sobre o tema: SÜSSEKIND, 1990; VENTURA, 1991 e ALONSO, 2002.

mestiçagem o maior dos nossos males. Dentre os intérpretes mais pessimistas sobre nossas possibilidades no grande concerto das nações, Nina Rodrigues é um dos exemplos mais expressivos. Como médico, ele enunciava um discurso com enorme poder de convencimento e influência, dado que eram vistos como referência de cientificidade.

Há um impasse que percorre a obra de Rodrigues e que, em grande medida, envolve muitos dos representantes da chamada Geração de 1870: "ou civilizar-se de pronto, ou capitular na luta e concorrência que lhes movem os povos brancos" (RODRIGUES, 1982 [1932], p. 264). Os intelectuais ligados à Geração de 1870 procurarão responder a esse impasse à luz dos diferentes cientificismos, equilibrados pelo republicanismo, pelo positivismo e pelo discurso abolicionista, temperos do caldo produzido pelo "bando de ideias novas" que sacudiam o país, para usar a feliz e bastante conhecida expressão de Silvio Romero [6].

Nina Rodrigues, pode-se dizer, já é um epígono da Geração de 1870, sendo mais jovem do que seus principais nomes, ainda que com eles partilhando uma preocupação central com relação à composição étnica do povo brasileiro. Ainda que autores como Silvio Romero citassem copiosamente cientistas e correntes científicas em voga no tempo, a formação em medicina de Nina Rodrigues e a sua atenção ao que de mais recentes se produzia no campo médico em países como a França, sua principal referência, oferecia a ele um discurso mais propriamente científico e menos ensaístico.

Majoritariamente, a produção intelectual de Nina Rodrigues compunha-se de artigos acadêmicos sobre temas de medicina legal e neurologia, bem como alguns ensaios, mais científicos do que políticos ou literários [7]. Um dos exemplos mais candentes é o artigo "Métissage, dégénerescence et crime", publicado nos *Archives d'Anthropologie Criminelle*, em 1899. Neste artigo, Nina Rodrigues faz uma rápida revisão das principais hipóteses sobre a mestiçagem[8] para, deixando-as de lado, tecer

---

[6] "Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos; hoje que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor de novidade nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio: Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da instituição do Direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da Escola de Recife". ROMERO, 1926, p. XXIII e XXIV.

[7] Para um levantamento exaustivo das publicações de Nina Rodrigues, em vida e póstumas, ver: CORRÊA, 1998.

[8] "No trabalho que publicou em 1855, Gobineau já fazia um quadro bem negro da decadência dos mestiços sul-americanos. Mas em 1861, Quatrefages invocava, precisamente contra ele, o exemplo da América do Sul a favor do sucesso completo da mestiçagem e punha em relevo a intrepidez e a energia da empresa dos paulistas brasileiros. Mais tarde, em 1863, é Agassiz que por sua vez vê a mestiçagem como a causa fundamental da decadência miserável dos mestiços do vale amazônico. Sem ir mais longe, recentemente vemos Gustave Le Bon considerar as repúblicas sul-americanas a prova incontestável da influência social desastrosa dos mestiços, ao passo que Keane os apresenta como a prova não menos conclusiva das vantagens da mestiçagem". RODRIGUES, 2008 [1899], p. 1151.

considerações sobre o problema a partir de um estudo de caso: a população de uma localidade chamada Serrinha, onde ele procurou estudar uma parcela importante da população, detectando, segundo ele, as principais marcas da mestiçagem que caracteriza aquele grupo humano, uma vez que, em seu entendimento, o mestiço brasileiro era um "produto desequilibrado e de frágil resistência física e moral, não podendo se adaptar ao clima do Brasil nem às condições da luta social das raças superiores" (RODRIGUES, 2008 [1899], p. 1156). Os estudos de caso da Serrinha visavam comprovar essa hipótese a partir da análise dos moradores da região.

Ainda assim, em muitos destes escritos subjaz um conjunto de problemas e de possíveis reformas projetando o Brasil do futuro. A abolição da escravatura, medida apoiada por Rodrigues, tinha como uma de suas consequências a absorção dos antigos escravizados na sociedade brasileira que buscava se organizar com outras relações de trabalho. O contingente de afro-descentes e mestiços estava apto a fornecer braços para a lavoura? Para viver em sociedade segundo os códigos do direito republicano? Mesmo que alguns dos problemas identificados por Rodrigues tenham relação com questões sanitárias e de alimentação, o foco de suas interpretações era a questão racial e o problema da mestiçagem. Veja-se o que diz Rodrigues na passagem abaixo:

> A degenerescência das populações mestiças se constitui, sem dúvida, num fenômeno muito complexo que não podemos reduzir a manifestações mórbidas fatais ou irremissíveis. Proteiforme, ela pode bem tomar formas que vão desde brilhantes manifestações de inteligência – como entre os degenerados superiores, passando por uma média de capacidade social de tipo inferior, mal tocada por tendências degenerativas, que tomarão corpo mais e mais nas gerações futuras –, até as manifestações estridentes da degenerescência enfermidade, nas quais os estigmas se impõem pelo franco desequilíbrio mental ou sob a forma impressionante de monstruosidades físicas repugnantes. (RODRIGUES, 2008 [1899], p. 1156).

Nina Rodrigues, nesse ensaio, procurava explorar as condições de saúde da população da Serrinha, a sua constituição étnica e os seus graus de desenvolvimento intelectual. Sublinha que, mesmo nos casos em que um mestiço é bem-sucedido, alcança reconhecimento por seus méritos intelectuais ou morais, há um estado mórbido que, ao olhar atento do médico, se revelará. Cita casos de "mulatos" cujo sucesso na carreira escondia tendências ao alcoolismo, homossexualidade e até mesmo um caso de doença mental que redundou em suicídio. Rodrigues sugere, em outro escrito, que a pressão para absorver os mestiços em um modo de vida civilizado e com vistas ao progresso material seria inviável, uma vez que significaria a "queima de etapas" do processo civilizatório. Dizia Rodrigues:

> Os extraordinários progressos da civilização européia entregaram aos brancos o domínio do mundo, as suas maravilhosas aplicações industriais suprimiram a distância e o tempo. Impossível conceder, pois, aos negros como em geral aos povos fracos e retardatários, lazeres e delongas para uma aquisição muito lenta e remota da sua emancipação social. Em todos os tempos não passou de utopias de filantropos, ou de planos ambiciosos de poderio sectário, a idéia de transformar-se uma parte das nações às quais a necessidade de progredir mais do que as imitações monomaníacas do liberalismo impõe a necessidade social da igualdade civil e política, em tutora da outra parte, destinada à interminável aprendizagem em vastos seminários ou oficinas profissionais. A geral desaparição do índio em toda a América, a lenta e gradual sujeição dos povos negros à administração inteligente e exploradora dos povos brancos, tem sido a resposta prática a essas divagações sentimentais. (RODRIGUES, 1982 [1932], p. 264).

Em outra obra, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*, Nina Rodrigues enfatiza esse mesmo dado, afirmando:

> Todavia, tem-se pretendido, não obstante o *Natura non facit saltus* de Linneo, fazer um povo selvagem, ou barbaro, transpôr, no curso da vida de uma geração, o caminho percorrido pelas nações civilisadas durante seculos, como se fosse possivel supprimir a lei de herança, dispensar as lentas accumulações hereditarias e prescindir da acção necessaria do tempo.[9] (RODRIGUES, 1894, p. 32).

Nas três passagens citadas acima, retiradas de três diferentes textos, Nina Rodrigues desenvolve uma abordagem ao "problema racial" no Brasil sintetizando vários campos de conhecimento. História dos diferentes povos, matizada pelas teorias da evolução, então absolutamente em voga, para apoiarem uma interpretação da natureza e, portanto, da influência dos grupos africanos que ingressaram no Brasil pelas mãos dos traficantes de escravizados e, no segundo caso, de uma interpretação jurídica do problema da imputabilidade penal. Aos seus olhos, por um conjunto de fatores como desenvolvimento intelectual, doenças congênitas a povos mestiços e condições de vida, negros e indígenas exigiriam um julgamento diferente caso se envolvessem em ações criminosas. A eles não era facultada a razão como no caso dos povos brancos.

A partir de seu ingresso na prestigiosa Faculdade de Medicina, começa a trilhar uma carreira como professor, especialmente de medicina legal, e como pesquisador. Dedicou, ao longo de sua trajetória, inúmeros artigos e livros ao tema da mestiçagem e suas consequências, como as relações da composição racial do povo brasileiro com a criminalidade e a discussão sobre a imputabilidade ou inimputabilidade criminal, artigos sobre criminalidade a partir de estudos craniométricos e frenológicos (Lucas da Feira, o

[9] Nesta e em algumas outras citações, assim como no título de algumas obras, usamos a ortografia original da época em que a obra foi publicada.

regicida Marcelino Bispo, Antonio Conselheiro e o caso de loucura coletiva de Canudos). Trabalhos onde ele se mostrava ligado a uma abordagem mais tradicional da criminologia (estudos craniométricos e frenológicos) na mesma medida em que acompanhava debates mais recentes, como os estudos sobre massas e psicologia coletiva.

No entanto, o estudo mais ambicioso de Nina Rodrigues, possivelmente a sua contribuição mais decisiva para a compreensão da contribuição africana para a formação do Brasil veio à lume apenas décadas após a sua morte. *Africanos no Brasil* é o incompleto primeiro volume de uma obra (prevista para ao menos dois tomos) onde Rodrigues procurou sistematizar anos de estudos e observações sobre o negro brasileiro. Nas páginas que seguem, irei discutir um aspecto menos observado pelos estudiosos do médico maranhense; o seu interesse pela inteligência e senso estético entre os africanos e afrodescendentes. O ponto de partida será o ensaio "As bellas-artes nos colonos pretos no Brazil", publicado em janeiro de 1904 na revista *Kósmos*[10] (RODRIGUES, 1904). Publicado pouco antes da morte de Rodrigues, o artigo explora a capacidade artística dos africanos, descrevendo um conjunto de objetos artísticos (esculturas e bronzes, em especial), parte deles de propriedade do próprio autor. O artigo em questão, na realidade, era parte de um capítulo maior sobre a cultura africana, publicado postumamente como o quinto capítulo da obra *Africanos no Brasil*, de 1932 (RODRIGUES, 1982). Antes de seguir, é importante um olhar mais detalhado sobre esse livro que, de certo modo, é o testamento de Nina Rodrigues.

A obra *Africanos no Brasil* foi publicada em 1932, passados 26 anos da morte de Nina Rodrigues, graças aos esforços de pesquisadores que reivindicavam o papel de discípulos de sua "escola". Pensada como o primeiro volume do projeto mais ambicioso do médico maranhense, a saber, uma investigação sobre o negro brasileiro cujo título seria *O problema da raça negra na América Portuguesa*, a publicação de *Africanos no Brasil* acabou por ser seu o canto do cisne. As primeiras provas da obra já haviam sido impressas e parcialmente corrigidas quando de sua morte. Não se sabe ao certo se finalizado ou em redação, dados os extravios de material após a morte de Nina Rodrigues em 1906, o certo é que o material foi recolhido por Oscar Freire, encarregado de finalizar a revisão e tornar públicos os resultados do trabalho do autor nos seus últimos 15 anos de vida (1890 a 1905).

Talvez por permanecer décadas sem vir à lume, a fama da obra crescia entre os

[10] No título do artigo reproduzimos a ortografia usada na época.

estudiosos do tema, cercada de superstição. A sua edição ficou sob responsabilidade do jovem médico Oscar Freire, o mesmo que substituiu Nina Rodrigues na cátedra de Medicina Legal, assim como no Serviço Médico Legal da Polícia de Salvador (COSTA, 2023: 100). Morto subitamente aos 40 anos de idade, Freire não conseguiu trazer à lume a obra do mestre. Para Homero Pires, que foi o responsável pela publicação da obra, mais de 20 anos após a morte de Nina Rodrigues, trava-se de um símile do "tesouro dos Niebelungen, guardado por Fafnir: trazia a desgraça àquele que consigo o retivesse..." (PIRES, 1982 [1932], p. 7). Ainda segundo Homero Pires, o autor havia deixado, entre os seus papéis, provas iniciais de cerca de 270 páginas da obra, ainda sem a devida correção e o último trabalho de edição. Apesar de sua inconclusão, ele já havia redigido um texto de apresentação, onde comentava o objetivo do trabalho, qual seja, um mergulho na história e na etnopsiquiatria do negro brasileiro. Segundo Rodrigues, o "problema 'o negro' no Brasil tem, de fato, feições múltiplas", feições estas que precisavam ser estudadas para que fosse possível agir no projeto de Brasil que ora se desenhava. Estas feições seriam "uma do passado – estudo dos negros africanos que colonizaram o país; outra do presente – negros crioulos, brancos e mestiços; a última, do futuro – mestiços e brancos crioulos". O seu objetivo, portanto, era a apresentação de um "ensaio de sistematização desses estudos", cujo objetivo maior era o "conhecimento de uma das preliminares do problema, a história dos negros colonizadores" (RODRIGUES, 1982 [1932], p. 24-25).

Para levar adiante esse projeto, Nina lançou mão de vários campos de conhecimento, entre eles a etnografia, ainda que nunca se distanciando da medicina social. Livio Sansone, por exemplo, entende que Nina Rodrigues é "tanto um pioneiro quanto, se é que podemos defini-lo assim, um Dom Quixote da medicina social", sendo ela "uma disciplina em algum lugar entre a ciência social e a medicina "pura", que ele mesmo via como mais próxima da primeira do que da segunda" (SANSONE, 2024, p. 13). Partindo da nascente medicina social brasileira, Nina deu asas à sua curiosidade onívora para responder ao problema brasileiro por excelência, as origens étnicas da sua população.

É impossível dissociar de sua obra a ideia de missão, que corria paralelo a sua curiosidade de pesquisador. A sua trajetória é semelhante à de inúmeros médicos dos séculos XIX e da primeira metade do século XX, qual seja, a de polímatas. Ele estava interessado e demonstrava profundo conhecimento em diversas áreas do conhecimento, em especial se elas oferecessem respostas para algumas de suas investigações. Dito de

outro modo: Nina Rodrigues parecia ter questões e, para respondê-las, lançava mão de todos os meios ao seu dispor. Submetia as suas hipóteses a variados problemas de pesquisa, complexificando assim as respostas.

O médico maranhense estava num contexto intelectual que passava a conhecer melhor a cultura africana, especialmente em aspectos de sua cultura material e suas peculiaridades linguísticas. A formação de uma cultura visual europeia sobre a África Negra está intimamente ligada, a partir do último quartel do século XIX, aos desenvolvimentos da etnografia, fruto direto da "empresa colonial". Esse processo ocorre quase simultaneamente ao crescente processo de abertura da disciplina da história da arte às culturas materiais não europeias. Para mencionar alguns exemplos, já em 1842 Franz Kugler, professor e amigo de Jacob Burckhardt, publicou o *Handbuch der Kunstgeschischte*, que aspirava a ser uma história geral da arte (ali, no entanto, a arte do continente africano analisada é a arte egípcia) (SCHWARZER, 1995, p. 24-29); a Exposição Universal de Londres, de 1851, dá o impulso para que Owen Jones publique, poucos anos depois, em 1856, a *Grammar of ornament*, em que coloca lado a lado ornamentos das "tribos selvagens" e ornamentos gregos (JONES, 2001); a partir dos acervos do Trocadero, também associados às exposições universais realizadas em Paris, Émile Soldi escreve a elogiosa *Les arts méconnus* (SOLDI, 1881), em que a cultura material pré-colombiana e a cambojana, por exemplo, são igualmente entendidas como arte. É justamente o acréscimo do interesse pela cultura material africana, no final do século XIX, ao já consolidado interesse ocidental pela imagem do negro na arte, fenômeno analisado por Mudimbe em *A invenção da África* (MUDIMBE, 2010, p. 73-81), que pode ser observado no texto de Nina Rodrigues, significativamente intitulado, como mencionado anteriormente, *As bellas-artes nos colonos pretos do Brazil*. Como assinalado por Livio Sansone, entre outros, Nina Rodrigues seguiu o exemplo de alguns estudiosos europeus e estadunidenses, destacando-se entre eles Cesare Lombroso e Samuel Morton, e investiu anos de sua vida na constituição de uma coleção de objetos africanos, os quais estavam guardados em seu gabinete na Faculdade de Medicina da Bahia.

> A curiosidade de Nina Rodrigues pela cultura material afro-brasileira, talvez uma verdadeira paixão, levou-o a coletar centenas de objetos associados aos cultos afro-brasileiros e reuni-los em uma coleção em uma sala da Escola de Medicina. Esse foi, sem dúvida, o núcleo de um futuro museu, inspirado no de CL, que naqueles anos influenciou o nascimento de coleções de museus com temas semelhantes, como no caso o de Fernando Ortiz em Havana. Em 1905, a coleção de Nina Rodrigues foi incendiada, o que provavelmente foi um ataque incendiário provocado por colegas e alunos não

> apenas invejosos da relativa grandeza de Nina Rodrigues, mas também assustados com o grande número de fetiches que eles acreditavam ter um poder mágico e extremamente perigoso; até mesmo muitos magistrados pareciam acreditar nisso e, nos mesmos anos, condenaram os possuidores de fetiches. O positivismo da Primeira República brasileira, cuja bandeira dizia "Ordem e Progresso" (uma amputação do ditado comtiano "Irmandade, ordem e progresso"), andava de mãos dadas com um grande medo de feitiçaria (magia negra) no Brasil, nas duas décadas seguintes à Abolição da Escravatura. (SANSONE, 2024, p. 19).

A vontade de colecionar e estudar os objetos de culto africanos e o estudo das suas relações com a arte e linguagem dos africanos dialoga com outros campos da pesquisa médica, como a neurologia francesa, em especial a Jean-Martin Charcot e seus principais colaboradores, cujo interesse em capturar os fenômenos clínicos em manifestações culturais era bastante conhecido. A histeria, tema obsedante dos charcotianos, foi percorrida em obras literárias e plásticas, como pintura e escultura. Havia, aos seus olhos, um conjunto importante de representações da histeria, que davam a ela descrições narrativas e uma imagética própria. As descrições das crises histéricas realizadas pelos charcotianos foram a chave para que Rodrigues se aproximasse da imagética das esculturas africanas, bem como das danças e dos rituais religiosos. As representações do transe religioso ou os casos presenciados por Nina Rodrigues foram lidas sob a mesma chave que Charcot interpretou a representação da possessão demoníaca: como manifestações histéricas. Dizia o médico maranhense:

> Aqui a concepção artística do escultor negro pode, com vantagem, suportar confronto com a concepção similar de uma pintura branca do século V da era cristã, também de motivo religioso, que figura nos trabalhos iconográficos de Paul Richer e Charcot sobre o *Demoníaco na Arte* e representa, como os ôches de Changô dos Negros, uma fase do mesmo pensamento ou crença religiosa. A gravura cristã mostra o demônio saindo da cabeça de um energúmeno sob a injunção de Jesus Cristo. O ochê também reproduz uma cena de possessão; um sacerdote ou feiticeiro africano em cuja cabeça penetrou Changô. Apenas Changô reveste, não a forma humana que tem o demônio da pintura cristã, mas a sua forma fetichista de meteórito ou de pedra do raio.[11] (RODRIGUES, 1982 [1932], p. 192).

É bastante interessante e significativa a comparação que Nina Rodrigues faz entre as supostas fases de desenvolvimento intelectual e mental com etapas de desenvolvimento da civilização. Na passagem acima, menciona os estudos sobre arte antiga e medieval, realizados pelos neurologistas franceses Charcot e Richer, assinalando que o sistema de crenças dos cristãos do século V é comparável ao dos africanos da passagem do século XIX ao XX, com os quais o autor convivia (CHARCOT; RICHER, 1887).

[11] Seguimos na citação a ortografia original do autor.

Essa preocupação com o desenvolvimento da sensibilidade e da inteligência dos africanos e afrodescendentes que eram objeto de suas análises está plenamente de acordo com o objetivo final da obra *Africanos no Brasil*, qual seja, entender as características físicas, culturais e mentais dos negros brasileiros para entender os caminhos que o processo de mestiçagem percorreria até que o Brasil chegasse a um nível de desenvolvimento que o colocasse ombro a ombro com as grandes nações europeias. Chama a atenção a sintonia de Nina Rodrigues com aquilo que vinha sendo produzido em alguns países europeus e nos Estados Unidos no campo nascente da psicologia, mais especificamente da psicometria (ROCHA; LEPIKSON; BRANDÃO, 2008).

Nina Rodrigues realiza um movimento que guarda semelhanças com a trajetória de Alfred Binet (1857-1911), psicólogo francês que foi seu contemporâneo. Ambos foram formados por uma tradição bastante fisicalista, tornando-se notórios por seus estudos de craniometria e frenologia. No caso de Binet, para estudar a inteligência. No de Nina Rodrigues, a criminalidade. Mais tarde, ambos passaram a abarcar novos campos de conhecimento. Binet mergulhou no estudo da psicologia e da psicometria e Nina Rodrigues, no da etnopsiquiatria. Como destaca Stephen Jay Gould, quando Binet "decidiu estudar a medição da inteligência, recorreu, como era de se esperar, ao método predileto do século que chegava ao fim, e à obra de seu grande compatriota, Paul Broca" (GOULD, 1999, p. 149). Porém, diante do seu objeto de pesquisa, as crianças do sistema escolar francês, Binet percebeu as insuficiências do método craniométrico-frenológico, buscando alternativas.

Mesmo se tratando de uma especulação, é possível sugerir que muitas das dúvidas e explorações de Nina Rodrigues não tenham sigo levadas às últimas consequências, dada a precocidade de sua morte, que o colheu em pleno voo. Lívio Sansone compara as investigações de Rodrigues e do cubano Fernando Ortiz, que morreu com mais de oitenta anos e teve tempo e oportunidade de rever e nuançar conclusões marcados pelo racismo científico (CF: SANSONE, 2024). A comparação é bastante rica, dadas as consequências geracionais e de interesses dos autores. Fato é que, desde os seus estudos sobre alinhados em *O animismo fetichista dos negros baianos* (RODRIGUES, 2006 [1896-1897]), percebe-se uma crescente exploração de outras fontes, com citações a obras de autores pioneiros da antropologia, como E. B. Tylor, e estudiosos de culturas africanas, como Maurice Delafosse, sempre temperados pelos neurologistas da escola francesa, como Charcot, Janet e Gilles de la Tourette.

Arthur Ramos, dentre tantos estudiosos da história e da cultura afro-brasileira, é aquele que mais ativamente assumiu o papel de uma espécie de continuador das preocupações acadêmicas de Nina Rodrigues. Não seria exagero dizer que, se Rodrigues buscou entender a cultura africana no Brasil à luz da neurologia oitocentista, Ramos o fez à luz da psicanálise e da antropologia do século XX. Mesmo Ramos, no entanto, deixa explícitas as suas críticas aos pressupostos deterministas raciais de Rodrigues e de suas hipóteses sobre, nas palavras de Ramos, a "degenerescência da mestiçagem como causa precípua dos desajustamentos sociais". Para Arthur Ramos, em texto de 1939, já era evidente que essas "idéias são inaceitáveis para os nossos dias. O pretenso mal da mestiçagem é um mal de condições higiênicas deficitárias, em geral. Mais social do que orgânico" (RAMOS, 2006 [1939], p. 19). Na mesma passagem, no entanto, Ramos explicita seu esforço de atualizar as pesquisas do médico maranhense, ao sugerir que se "nos trabalhos de Nina Rodrigues, substituirmos os termos raça por cultura, e mestiçagem por aculturação, por exemplo, as suas concepções adquirem completa e perfeita atualidade (RAMOS, 2006 [1939], p. 19). O impacto das interpretações pessimistas e abertamente racistas de Nina Rodrigues, no entanto, não são tão fáceis de se apagar.

Como já mencionado, Nina Rodrigues, que acompanhava de perto as publicações da escola de neurologia francesa, converte esse interesse ao universo mental, ao desenvolvimento intelectual do negro brasileiro. Não é um exagero afirmar que, em muitas de suas interpretações da cultura material africana ou afrobrasileira, Nina Rodrigues realiza aquilo que Charcot e Richer chamavam de "estudos de medicina retrospectiva" (CHARCOT; RICHER, 1887, p. VII), buscando nestas peças sintomas, crenças ou sistemas de valores que estivessem ali perpetuados. No tocante à preocupação com a "evolução mental" dos povos africanos, Rodrigues tece tanto uma crítica aos autores que negam a eles atributos de inteligência e senso estético quanto propõe uma interpretação individualizada de cada grupo étnico africano que formará o povo brasileiro, em última instância. Dizia ele:

> O natural menosprezo, que votam aos escravizados as classes dominadoras, constituiu sempre, e por toda a parte, perene ameaça de falseamento para os propósitos mais decididos de uma estimativa imparcial das qualidades e virtudes dos povos submetidos. E foi por não ter cerrado ouvidos às sugestões desses preconceitos que escritores pátrios conseguiram dar proporções de uma crença geral à de que os escravos negros, que com os portugueses e os índios colonizaram o Brasil, pertenciam todos aos povos africanos mais estúpidos e boçais. Era uma injustiça, mas era antes de tudo um erro. (RODRIGUES, 1982 [1932], p. 188).

Na passagem acima, ele deixa explícita a sua intenção de distinguir os diferentes graus de desenvolvimento de cada um dos grupos étnico-raciais africanos que chegaram ao Brasil. Procura apanhar esse tema explorando e registrando as formas de linguagem, a estrutura das línguas faladas por esses africanos que foram trazidos ao país. Além disso, estudou a fundo as suas manifestações artísticas, como a música, a dança e as "artes plásticas", a arte como medida da inteligência e da sensibilidade e a religião como elemento que os amalgamava. Ou, em suas palavras, "a ocasião de dizer das formas por que se revelava nos colonos pretos a aptidão à cultura artística" (RODRIGUES, 1982 [1932], p. 179). Segundo Rodrigues,

> E, pois que *o homem, no estado selvagem ou bárbaro, representa a infância da espécie como a criança representa a do indivíduo*, é natural que o conhecimento das modalidades por que as Belas-Artes se revelam nos primeiros muito tenha de auxiliar a demonstração da influência que, na sua constituição e evolução cultural, exerceu a associação íntima da linguagem falada com a linguagem mímica.
> E isto claramente o demonstram as raças inferiores (RODRIGUES, 1982 [1932], p. 178).

O autor toma a expressão artística como parte do conjunto de manifestações sensíveis dos povos africanos, como uma medida para o seu grau de desenvolvimento. Emprega, como era corrente à época, a analogia entre as fases de desenvolvimento individual e as fases de desenvolvimento da "espécie", da infância à maturidade. Além disso, a análise dos temas representados nos objetos artísticos africanos permitiria, aos seus olhos, interpretar elementos do sistema de crenças religiosas, uma vez que os "deuses, o culto são ainda os temas, os motivos mais valiosos, as fontes de inspiração por excelência dos rudos artistas negros", vindo na sequência um conjunto de representações "habituais ocupações nobres da guerra e da caça"(RODRIGUES, 1982 [1932], p. 190) .

Nina Rodrigues, por certo, percebia nos objetos artísticos analisados uma capacidade estética, mesmo em se tratando de objetos com outras finalidades que não a da mera contemplação. A sua interpretação dialoga de modo vívido com aquela fusão entre etnologia e história da arte que se torna perceptível a partir de fins do século XVIII e que encontra seu apogeu no século XIX. Como disse Éric Michaud, um dos autores que tratou do tema com maior felicidade, "classificar e hierarquizar as obras de arte era, portanto, classificar e hierarquizar os povos" (MICHAUD, 2024 [2015], p. X). Para levar adiante essa sanha classificatória, ainda para Michaud, à época se firmava a convicção de que "existia uma ligação necessária e indissolúvel entre a 'beleza' ou a

‘bela conformação’ de uma ‘raça’ e o nível de sua inteligência e de sua cultura” (MICHAUD, 2024 [2015], p. IX).

Esse exercício era o que propunha Nina Rodrigues: partir dos objetos artísticos e/ou de culto para estudar e classificar os povos africanos e afrodescendentes. Ele entendia que, ao estudar esses elementos da cultura material era necessário “que desprezemos as imperfeições, o tosco da execução”, fruto da falta de escolas, mestres e material adequado. Ainda assim, “feito o desconto, nesses toscos produtos, já é a Arte que se revela e desponta na concepção da ideia a executar, como na expressão conferida a ideia dominante dos motivos” (RODRIGUES, 1982: 190).

> Tais os produtos da escultura negra.
> Não passaria pelo espírito de homem mediocremente instruído a ideia de aplicar à determinação do seu valor as exigências e regras artísticas por que se aferem produtos da Arte nos povos civilizados.
> *Os frutos da Arte negra não poderiam pretender mais do que documentar, em peças de real valor etnográfico, uma fase do desenvolvimento da cultura artística. E, medidas por este padrão, revelam uma fase relativamente avançada da evolução do espírito humano.* É já a escultura em toda a sua evolução, mesmo na sua feição decorativa, do baixo-relevo à estatuária. As vestes são ainda grosseiras porque as ideias não têm a precisa nitidez, os sentimentos e a concepção estão ainda pouco definidos; mas no fundo já se encontra a gema que reclama polimento e lapidação.
> Com outros recursos, em outro meio, muito podem dar de si. E então perderá as proporções da estranheza esse monumento de obras de talha que erigiu o preto-mestiço no altar-mor da Matriz de Campinas.[12] (RODRIGUES, 1982 [1932], p. 197).

A passagem acima, que conclui as análises que Nina Rodrigues realiza dos objetos de arte africana que ilustram “As bellas-artes nos colonos pretos do Brazil”, encerra algumas ambivalências. Por um lado, o autor afirma que as peças em questão são, acima de tudo, documentos etnológicos e assim devem ser consideradas e usados para medir o grau de desenvolvimento dos povos que os criaram. Por outro, a elas garante o estatuto de arte, juízo incomum a sua época. Aqueles objetos revelavam, nas palavras do autor, um elevado grau de desenvolvimento intelectual dos seus criadores, aos quais, para se tornarem artistas, bastaria o acesso ao ensino formal.

Levando-se em consideração o momento de produção de “As bellas-artes nos colonos pretos do Brazil”, em inúmeras passagens escritas nos moldes do racismo científico do qual era um dos maiores divulgadores, há observações que mostram um autor, senão em transição, ao menos com uma pulga atrás da orelha. Ao contrário de muitos de seus contemporâneos, atribui à educação a possibilidade de vermos, entre os africanos e afrodescendentes, uma criação artística digna de nota. É impossível sugerir o

[12] Os grifos são do autor do artigo.

que poderia ser feito por Rodrigues em suas obras posteriores. Ficamos, portanto, com a constatação que, mesmo em uma obra tão marcada pelos racismos do oitocentos, começavam a se desenhar dúvidas cujos frutos seriam colhidos pela geração seguinte.

3. Considerações finais

Não posso terminar este artigo sem mencionar uma piscada de olho de Nina Rodrigues para o tema da mestiçagem em uma chave positiva, menos comum em seus estudos. Ele alude, elogiosamente, à obra do entalhador baiano Vitoriano dos Anjos Figueiroa, o "preto-mestiço" responsável pelo altar-mor da Catedral Metropolitana de Campinas, que atuou na Bahia da primeira metade do século XIX e migrou para a cidade de Campinas na década de 1850, sendo responsável pelos entalhes do altar-mor, das tribunas, dos púlpitos, da varanda do coro. Figueiroa conduziu as obras até 1862, quando foi dispensado pelo novo administrador. Esse elogio da obra do entalhador "mulato" ou "preto mestiço", como prefere Nina Rodrigues, só nos permite especular sobre as direções para as quais os seus trabalhos poderiam apontar.

Talvez Nina Rodrigues estivesse especulando sobre a possibilidade de um processo de mestiçagem que trouxesse uma expressão artística de real valor, afastando-se progressivamente da compreensão da mestiçagem como necessariamente fator de degeneração de todos os envolvidos nesse processo. Mais uma vez, os pesquisadores da obra de Nina Rodrigues esbarram nos limites da documentação existente. Morto precocemente e sem deixar espólio do qual se tenha notícia, podemos especular sobre os caminhos que seu trabalho poderia tomar, mas não temos as suas notas, cartas e marginalias para explorar o que estava por vir.

O elogio do entalhador "preto mestiço" e suas realizações na arte sacra, seja na Bahia, seja no interior de São Paulo, ainda que se trate de uma remissão telegráfica, não deixa de nos lembrar do caminho trilhado por Mário de Andrade ao estudar a obra do Padre Jesuíno do Monte Carmelo e o seu elogio da estética mulata do fascinante artista e religioso, objeto do último livro publicado pelo autor de *Paulicéia desvairada* antes de sua morte, em 1945 (ANDRADE, 1945). Esta, no entanto, é uma outra história.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945. (Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

BARRETO, Tobias. *Vários escritos*. Sergipe: Editora do Estado de Sergipe, 1926.

CHARCOT, Jean Martin; RICHER, Paul. *Les démoniaques dans l'art*. Paris: Delahaye et Lecrosnier, 1887.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. São Paulo: Universidade São Francisco; FAPESP, 1998.

HAGGARD, Henry Rider. *As minas do Rei Salomão*. Tradução, prefácio e notas de Samir Machado de Machado. São Paulo: Todavia, 2021 [1885].

MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio de Azevedo: vida e obra (1857-1913)*. Tradução de Claudia Poncioni. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Garamond, 2013 [1988].

MICHAUD, Éric. *As invasões bárbaras: uma genealogia da história da arte*. Tradução de Flávio Magalhães Taam. São Paulo: Martins Fontes, 2024 [2015].

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Brasília: Senado Federal, 1998 [1900].

PIRES, Homero. Introdução. In: RODRIGUES, Nina. *Africanos no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982 [1932]. p. 7-11.

RAMOS, Arthur. Prefácio. In: RODRIGUES, Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal; Conselho Editorial, 2006. p. 9-24.

RODRIGUES, Nina. *Africanos no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982 [1932].

RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*. Salvador: Guanabara, 1894.

RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Organização de Yvonne Maggie e Peter Fry. Edição fac-similar dos artigos publicados na *Revista Brazileira* em 1896-1897. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Fundação Biblioteca Nacional, 2006 [1896-1897].

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1151-1180, 2008 [1899].

ROMERO, Sílvio. Explicações indispensáveis. In: BARRETO, Tobias. *Vários escritos*. Sergipe: Editora do Estado de Sergipe, 1926.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis; ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *De que lado você samba? Raça, política e ciência na Bahia do pós-abolição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021. E-book. (Coleção Histór@ Ilustrada).

SANSONE, Livio. *A galáxia Lombroso: a extraordinária popularidade de Cesare Lombroso e do lombrosianismo na América Latina*. Tradução de Roberto Vico. Campinas: Editora da Unicamp, 2024.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.